

'Eu não aderi à revolução, eu fiz a revolução. É bem diferente'

Comandante do 2.º Exército relata que pediu a João Goulart antes de se decidir pelo golpe: 'O senhor tem de se afastar dessa pelegada'

DEPOIMENTO

Comandante do 2.º Exército, Amaury Kruehl foi chefe de polícia do Rio e ministro da Guerra de João Goulart

MARCELO GODOY

Ex-chefe de polícia do Rio e ex-ministro da Guerra de João Goulart, o general Amaury Kruehl comandava 25 mil homens do 2.º Exército no dia em que seu colega Olympio Mourão Filho decidiu descer com tropas de Minas para o Rio. Horas depois, Kruehl partiu de São Paulo com o mesmo destino, selando o futuro de Jango. Quando se aproximava de Barra Mansa, recebeu o convite do comandante das tropas enviadas para barrá-lo, o general Armando de Moraes Âncora, então à frente do 1.º Exército, para uma conversa. Soube ali que a conspiração havia vencido.

Era 1.º de abril. Sete dias antes, rebentara a rebelião dos marinheiros, no Rio, o ponto, que, segundo Kruehl, não havia mais salvação para Goulart. Um resumo do depoimento de Kruehl foi publicado no *Jornal da Tarde* em 1978, no qual ele negava ter ficado em cima do muro até o golpe e criticava a cassação de Juscélio Kubitschek. Sua íntegra permaneceu guardada no *Arquivo do Estadão*. Aqui estão trechos – a maioria inéditos – resgatados.

'ACABE COM ESSA PELEGADA.'

"Ele (Goulart) me chamou aqui no Rio (no dia 19 de março). Eu disse: 'Presidente, pense na situação que está'. Vira-se ele para mim e diz: 'Olha, general, eu perdi a situação. O Exército vai tomar conta disso'. Eu disse: 'Não, senhor. O senhor é que deve acabar com essa 'pelegada' toda e mudar sua política'. (...) Jango era meu amigo. Ele ligou para o quartel-general às 7 e meia (19h30, de 31 de março). Resolvi atender. Ele disse: 'General Kruehl, o senhor não pode me ajudar?' Eu respondi: 'Presidente, eu não posso. Nós estamos em campos opostos. O senhor deve se lembrar que, um mês antes, lhe avisei que largasse essa 'pelegada'. Ele respondeu: 'Mas eu

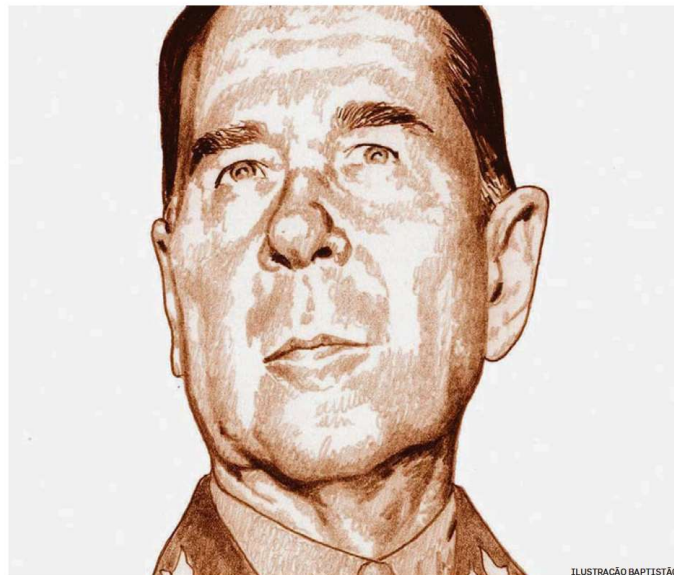


ILUSTRAÇÃO BAPTISTA

não posso largar meus amigos'. Eu disse: 'Bem, se o senhor não pode largar os amigos, a partir deste momento estamos separados'. (...) Eu não aderi à revolução. Eu fiz a revolução. É bem diferente. (...) A conspiração ficou assentada um mês antes. Antes era conversa. (...) Cada um tinha o seu grupinho. Nós tínhamos um grupinho: o meu mano (general Riograndino Kruehl) era o Castelo, era o (general Octacílio Terra) Ururahy, que comandava a Região, e o (general Oswaldo) Cordeiro de Farias."

'ESTÁ GANHA A REVOLUÇÃO.'

"Já tinham chegado perto de Barra Mansa. A notícia que eu tinha é que tinha tropa de Vanguarda do Rio, em Maria da Graça (bairro da zona norte do Rio). O meu avião de reconhecimento mandou essa informação. Tirei fotografias dessa tropa que estava parada para me deter. (...) Mandeí minha tropa toda para lá. Foram dois regimentos, dois batalhões de carros de combate e dois grupos de artilharia. Agora, quando o Âncora me toca o telefone para encontrá-lo, eu disse: 'Está ganha a revolução'. (...) Mandeí ordens para minha tropa parar e não continuar a marcha. Alguém ainda falou 'vamos até ao Rio para festejar'. Eu disse: 'Não. Isso é palhaçada.

Quem é

AMAURY KRUHL
Ex-ministro da Guerra

Participou da Revolução de 1930 como membro do Clube 3 de Outubro. Atuou na Segunda Guerra.

Em 1954, assinou o Manifesto dos Coronéis, que criticava a política econômica de Vargas. Foi assessor militar do Brasil na ONU.

Com a posse de João Goulart, se tornou chefe do Gabinete Militar da Presidência e ministro da Guerra. Ao deixar o cargo, comandou o 2.º Exército em São Paulo, atuando no golpe de 1964.

Tropa não é brinquedo'. Levarei 20 mil homens ao Rio para complicar tudo. A tropa de Minas é que veio festejar. (...) O Justino (Justino Alves Bastos, comandante do 4.º Exército, no Recife) me telefonou para saber qual a minha posição (...) à noite do dia 31. Respondi: 'Já estamos na revolução'. Ele falou: 'Pode contar comigo'."

JANGO NÃO QUIS REAGIR. "Esperava (reação) aqui do Rio e alguma coisa do Rio Grande (do

Sul), e talvez até do Norte. (Não ocorreu reação) Pelo seguinte: quando viram São Paulo, Minas e Rio com as tropas na rua, não podiam fazer mais nada. Ainda houve uma pequena reação em Bagé, no Rio Grande do Sul, onde o Garrastazu comandava (general Hugo Garrastazu, comandante da então 3.ª Divisão de Cavalaria), os sargentos cercaram o quartel-general, mas antes disso ele saiu. (...) Eu pensei que ia haver uma reação, ainda mais quando Jango embarcou para lá (Porto Alegre). (Não houve porque) O Jango não quis. (Se ele quisesse) Haveria, mas uma reação fracassada, diante do poderio do Rio e de São Paulo. (...) A oposição em São Paulo era muito grande contra ele (Jango). Era tão grande que, quando precisei transportar o meu regimento de carros de combate para o Rio, eu pedi 40 jantanas. O senhor acredita que, em duas horas, eu tinha 38 jantanas à minha disposição. (...) Eu telegrafei logo para o comandante de Cuiabá para marchar sobre Brasília. (...) (O regimento veio) De Cuiabá e Campo Grande. Telegrafei ao Berta (Ruben Berta, empresário e presidente da Varig), que mandou 3 aviões para transportá-lo. Ele foi transportado de avião até perto de Goiás, perto da capital de Goiás."

PRESIDÊNCIA. "Vieram falar comigo, mas eu não quis (a Presidência). Abri mão, pois já tinham lançado o Castelo, então eu não ia abrir uma luta na revolução. O Costa e Silva me chamou e disse: 'Olha, o pessoal escolheu o Castelo'. Disse: 'Está bem, está certo, eu concordo'."

LINHA-DURA. "(Costa e Silva) Ficou o homem mais forte. Era o mais antigo e o mais forte. (...) Ele não era linha-dura, não. Ele se deixou levar pela linha-dura, que aqui no Rio era muito grande. E botou no gabinete dele muita gente dela. Vou lhe contar uma: em uma das vezes que vim aqui, ele me disse: 'Olha, eu vou, vamos cassar esses aqui'. Eu disse: 'Mas por que vai cassar esses oficiais? Eles não tomarão parte em coisa nenhuma'. (O desejo da linha-dura é) Ganhar posições, promoções e tudo mais. Só esse objetivo. Iriam derrubar o governo para quê? Cada um ia voltar para suas funções? Não. Iam querer comissão aqui, comissão lá."

GREVES. "Ele (Goulart) disse: 'Eu queria que o senhor fosse para lá (assumir o 2.º Exército)'. Eu disse: 'Eu vou e lhe previno: eu não aguento greve política. Qualquer greve política que houver lá, eu mato no mesmo dia. São Paulo é um grande Estado, é uma força viva da Nação; não vou viver em estado de greve'. Ele disse: 'O senhor terá carta-branca'. Quando cheguei, o Ademar (de Barros, governador) me disse: 'Este ano, tivemos 250, 260 greves'. Eu respondi: 'De hoje em diante não haverá mais comigo'. (...) Como, de fato, não houve, mesmo antes da revolução."

POLÍTICA NOS QUARTÉIS.

"Quando a política partidária penetra no seio do Exército, é uma desgraça. É uma desgraça para o Exército e para a Nação. (...) Por que o Automóvel Clube? O que era aquilo? Era uma frente de disciplina, ouviu? Um presidente recebendo sargentos (no dia 30 de março). Aquilo para mim foi uma coisa chocante. Falei: 'Nós estamos num caos'. Isso foi um fato novo, um dos que concorreram para isso. E de fato foi, não é? Tanto é que o Mourão viu pela televisão, depois desligou e fez o manifesto. (...) Ele se precipitou porque a revolução era para ser na terça-feira seguinte, domingo e segunda. Entre domingo e segunda. E ele precipitou para terça. (...) Se houvesse uma outra revolução, com os mesmos propósitos, eu me meteria nela, mas botaria uma barreira em tudo isso (cassações). Eu me metia nela, porque eu acho a revolução muito justa. O Brasil lucrou com ela. Apesar dos erros da revolução, o Brasil lucrou bastante." •



NA WEB
Leia outros trechos inéditos do depoimento de Amaury Kruehl ao 'JT' www.estadao.com.br